

ISSN: 2319-0124

HIDATIDOSE: relato de caso

Helena M. de OLIVEIRA¹; Maiara F. F. MARTINS²; Geórgia M. MAGALHÃES³

RESUMO

A hidatidose é uma doença de origem parasitária, desencadeada pelo cestóide *Echinococcus granulosus*. O hospedeiro definitivo são os canídeos, no entanto, muitas outras espécies podem se encaixar como hospedeiro intermediário. Este parasita apresenta epidemiologia baseada nos ciclos silvestre e pastoral e nesse último pode causar um problema de Saúde Pública por se tratar de uma zoonose. Apesar de geralmente não desencadear sinais clínicos, a hidatidose pode ser diagnosticada pela presença de cistos característicos nas vísceras dos animais infectados, que posteriormente terão suas carcaças condenadas em abatedouros. Por se tratar de uma questão de saúde única, é necessário que haja um controle eficiente desse parasita para evitar sua disseminação. Relata-se o caso de um ovino encaminhado para o setor de Patologia do IFSULDEMINAS - campus Muzambinho após seu óbito e sem diagnóstico, os resultados do exame necroscópico foram sugestivos de hidatidose pela presença de um cisto hidático encontrado aderido ao omento. Conclui-se, assim, que a necropsia é de extrema importância para o diagnóstico e instauração de medidas de controle de diversas doenças.

Palavras-chave:

Cisto; *Echinococcus granulosus*; Ovino.

1. INTRODUÇÃO

A hidatidose é causada pelo parasita *Echinococcus granulosus*, um cestóide capaz de acometer canídeos como hospedeiro definitivo e diversas espécies como hospedeiro intermediário, levando ao desenvolvimento de cistos hidáticos em suas vísceras. A contaminação de ambientes se dá pela eliminação de proglotes junto das fezes de seu hospedeiro definitivo, esses ovos, ao serem ingeridos, levam a instalação e desenvolvimento do embrião presente nessas estruturas em qualquer órgão do hospedeiro intermediário, o fígado e os pulmões costumam ser os órgãos mais afetados. Em geral, os cistos têm diâmetro pequeno, mas podem ser maiores e casualmente geram sinais clínicos específicos da doença. (Mc. GAVIN et al., 2013).

A hidatidose apresenta três ciclos: o ciclo silvestre, o ciclo pastoral e o ciclo urbano. No ciclo silvestre o hospedeiro definitivo se infecta por predação ou consumo de cadáveres que albergam o cisto, esse ciclo é composto por canídeos, ruminantes e animais silvestres. Já no ciclo rural, o hospedeiro definitivo se infecta consumindo as vísceras de ruminantes parasitados quando oferecidas como alimento para animais das propriedades, nesse ciclo os animais envolvidos irão variar devido ao tipo de criação local, além do cão, os mais notados são os ovinos e bovinos. No ciclo pastoral, o

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Campus Muzambinho. E-mail: helenamartinsoliveira@hotmail.com.

²Aluna colaboradora, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. E-mail: maiara-franca@hotmail.com.

³Orientadora, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. E-mail: georgia.magalhaes@ifsuldeminas.edu.br.

hospedeiro intermediário pode ser contaminado a partir da ingestão de pastagem contaminada por fezes do hospedeiro definitivo, pelo consumo de carne mal cozida ou não inspecionada. A partir dos tipos de fonte de infecção do hospedeiro intermediário no ciclo pastoril, fica claro que há risco de contaminação humana, que além desses contatos com a zoonose também pode possuir interação com proglotes quando presas aos pelos dos animais. (ALMEIDA et al., 2008). Mesmo sendo considerada uma doença rural existem relatos de ocorrência no ambiente urbano que se dá a partir da migração de cães errantes entre as áreas rurais e urbanas de determinada região (HOFFMANN et al., 2001).

O *E. granulosus* geralmente não é patogênico em animais domésticos e a grande maioria das infecções são descobertas nos abatedouros. Quando os cistos acometem os rins, o pâncreas, o sistema nervoso central ou a cavidade medular dos ossos longos pode haver sinais clínicos desencadeados pela pressão exercida pelo crescimento dos cistos nessas regiões. Quando o homem está presente no ciclo, configurando-se como hospedeiro intermediário quase sempre há a presença de sinais patogênicos, como sintomas respiratórios, se houver crescimento de cistos nos pulmões, por exemplo, e em caso de rompimento de cistos há risco de morte por anafilaxia. (TAYLOR et al., 2010) Cada cisto é envolvido por uma camada adventícia de colágeno e pode ser envolto por células inflamatórias do hospedeiro. Internamente, apresenta uma camada interna germinativa laminar (BATISTELLA et al., 2016). Com o passar do tempo os cistos podem se degenerar, tais cistos não têm grande importância clínica mas por condenar carcaças, assumem viés econômico. (PANZIERA et al., 2018).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Chegou ao hospital veterinário do IFSULDEMINAS - campus Muzambinho um ovino, da raça dorper, de pelagem branca, macho para a realização de necropsia. O histórico relatava que o animal havia chegado à propriedade há três semanas e veio a óbito, sendo que seu tutor não soube informar sua idade. Foi realizada a necropsia do animal no campus muzambinho do IFSULDEMINAS, com a devida aprovação da Comissão de Ética na Utilização de Animais (CEUA), pelo protocolo nº 043/2017.

Primeiramente ocorreu a investigação externa do animal, e foram avaliadas as suas mucosas, sua condição nutricional, a existência de secreções em suas cavidades, bem como a existência de parasitas. Na sequência foi realizada a análise interna do animal, os órgãos foram separados e removidos por conjuntos. Em toda a execução do exame analisaram-se as características morfológicas e topográficas dos órgãos e as alterações macroscópicas foram registradas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao inspecionar a cavidade torácica, observou-se na traqueia conteúdo espumoso vermelho-

amarronzado em todo seu comprimento, seguindo até os brônquios primários. Existiam abscessos nos pulmões, espuma vermelho-amarronzada e áreas de congestão, enquanto o coração possuía líquido sero-sanguinolento no pericárdio. Na cavidade abdominal foi elencada a existência de cerca de 30 mL de líquido sero-sanguinolento, o baço estava aumentado de tamanho, havia uma estrutura compatível a um único cisto hidático aderido ao omento próximo ao estômago, o fígado se apresentava intensamente ictérico com vesícula biliar aumentada de tamanho, o abomaso contava com mucosas avermelhadas e com parasitas *Haemonchus contortus*, os rins estavam enegrecidos, a vesícula urinária continha urina espessa e de coloração vermelho-amarronzada mas sem alterações em suas mucosas. Anatomicamente todos os órgãos estavam em sua posição padrão e todas as outras estruturas estavam macroscopicamente normais.

Segundo LÁU et all. 1985 e SILVA et all. 2013, a hidatidose pode ser comprovada pela presença de cistos hidáticos que, geralmente, se aderem às vísceras dos animais. Apesar do cisto hidático não ter sido encontrado em um dos órgãos mais afetados, ele foi descrito na região próxima ao estômago que é um local onde essa estrutura não é capaz de desencadear sinais clínicos, isso também pôde ser evidenciado no histórico do animal. De acordo com PANZIERA et al., 2018, o cisto torna-se degenerado após um período, a estrutura encontrada não se apresentava nessa condição, portanto, não pode ser caracterizada como uma estrutura muito persistente nesse organismo. A posição do cisto contraria ORTUNHO 2018 que analisou carcaças em frigoríficos sob Inspeção Federal do Estado de São Paulo onde observou 161.626 animais, encontrou prevalência de cistos hidáticos no baço, coração, fígado e pulmão. Levando em consideração todos os achados macroscópicos obteve-se o diagnóstico sugestivo de hidatidose.

4. CONCLUSÕES

Mesmo que tenha sido encontrado apenas um cisto hidático nas vísceras do animal é importante que o tutor fique atento a todos os outros animais da propriedade a fim de evitar tanto a condenação da carcaça dos ovinos provenientes desse rebanho quanto a disseminação da doença na sua localidade. O cisto hidático não foi a causa principal da morte, mas o seu diagnóstico é de fundamental importância para a manutenção da saúde única.

REFERÊNCIAS

- SANTOS, R. L., ALESSI, A. C. Patologia veterinária. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocca, 2016.
Mc. GAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. Bases da Patologia Veterinária. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
TAYLOR, M. A., COOP, R. L., WALL, R. L. Parasitologia veterinária. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

ALMEIDA, F.; SPIGOLON, Z.; NEGRÃO, A. J.; NEVES, N. F. *Echinococcus granulosus*. Revista científica eletrônica de medicina veterinária, Garça n° 11, julho de 2008.

HOFFMANN, A. N.; MALGOR, R.; DE LA RUE, M. L. Prevalência de *Echinococcus granulosus* (BATSH, 1786) em cães urbanos errantes do município de Dom Pedrito (RS), Brasil. Ciência Rural, Santa Maria, v. 31, n°5, p. 843 - 847, 2001.

BATISTELLA, M. E. Identificação e caracterização de vesículas extracelulares presentes no líquido hidático de *Echinococcus granulosus*. Trabalho de conclusão de curso. Bacharelado em Biotecnologia com Habilitação em Biotecnologia Molecular, Porto Alegre, novembro de 2016.

PANZIERA, W.; VIELMO, A.; LORENZO, C.; SONNE, L.; SOARES, J. F.; DRIEMEIER, D. Caracterização das lesões parasitárias de ovinos observadas na linha de abate. Pesquisa veterinária brasileira, Porto Alegre, p. 1491 - 1504, agosto de 2018.

LÁU, H. D.; FRAN, L. C. R.; MACHADO C. L. Resposta enzimática em ovinos portadores de hidatidose hepática. Pesquisa agropecuária brasileira, Brasília, p. 899 - 904, agosto de 1985

POETA SILVA, A. P. .; SANTOS, D. V.; KOHEK JR, I.; MACHADO, G.; HEIN, H. E.; VIDOR, A. C. M.; CORBELLINI, L. G. Ovinocultura do Rio Grande do Sul: descrição do sistema produtivo e dos principais aspectos sanitários e reprodutivos. Pesquisa veterinária brasileira, Porto Alegre, p. 1453 - 1458, dezembro de 2013.

ORTUNHO, V. V. Zoonoses encontradas em ovinos abatidos em frigorífico de inspeção federal no Estado de São Paulo de 2005 a 2015. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, Curitiba, v. 1, n° 1, p. 80 - 90, julho de 2018.